



VII ENLIJE

ENSINO DE GÊNEROS LITERÁRIOS: O LUGAR DA CRÔNICA NO CURRÍCULO ATUAL.

Lucas Santos Velez; José Edilson de Amorim.

Universidade Federal de Campina Grande – lucassv2012@gmail.com

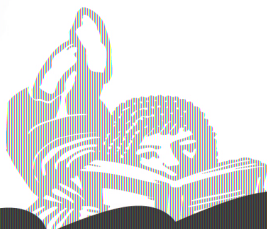
Resumo: O ensino de gêneros literários pautados somente em suas genealogias tem sido objeto de estudo, visando a busca de uma aprendizagem eficaz através de uma arquiteculturalidade advinda da associação de textos literários a elementos estéticos e culturais, por parte do alunado. Não é a teoria que deve ser revista, mas sim, as práticas pedagógicas. A aula de literatura, no presente, obedece a um contrato disciplinar previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que elenca os conteúdos necessários à formação de leitores em território nacional. Partindo do pressuposto de que o letramento literário não está sendo transmitido de maneira efetiva aos alunos, a presente comunicação busca, a partir de uma análise fundamentada no currículo atual trazido na BNCC (Sacristán, 1998), analisar as técnicas de ensino que estão sendo utilizadas para com a leitura do gênero crônica em sala de aula e assim, com base em Santos (2004) e Vieira (2015), investigar a problemática existente sobre o ensino específico da crônica em classe a fim de conceber um modo de ensino com nível de aprendizagem satisfatório

Palavras-chave: Currículo, ensino-aprendizagem, crônica, letramento literário, aula de literatura.

INTRODUÇÃO

A leitura literária ainda possui um grande deficit com relação ao seu ensino, as diversas reflexões que existem ainda não apontam, de acordo com Martins (2006), subsídios teóricos nem metodológicos para isto. O ensino de gêneros literários deve ser abordado em sala de aula mediante estratégias de motivação e inserção dos alunos no mundo literário, proposta difícil nos tempos atuais em que os meios de comunicação, a internet e suas redes sociais vêm tomando o espaço da leitura em livros. Há uma grande discussão em torno do gênero crônica e dos demais gêneros literários como pretexto para o ensino de gramática ou de produção textual, o aluno deve ser um leitor, e o professor deve se perguntar: como estabelecer um contato que possibilite o bem-estar entre meu aluno e o texto literário? É necessário investigar o papel da literatura na escola para aliá-la ao contexto escolar em que todos estão inseridos.

O currículo é um dos elementos que influencia na educação e técnicas de ensino em sala de aula; a partir de uma avaliação, sobretudo, da Base Nacional Comum Curricular, documento que está sendo adotado como base para todo território nacional, analisar-se-á onde está presente o gênero crônica dentro deste, para alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, e assim, através de





VII ENLIZE

um relato de estágio de observação e teorias de gêneros e crítica literária, buscar uma melhor forma de levá-lo à sala de aula.

O CURRÍCULO

A teoria de currículo atual é permeada por interesses variados que dizem respeito não somente à esfera educacional, mas também ao que a sociedade quer de seu futuro cidadão. “Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado” (SACRISTÁN, 1998, p. 17), ou seja, o cidadão é formado de acordo com o que a sociedade, sobretudo no âmbito do mundo do trabalho poderão exigir, no futuro, dele.

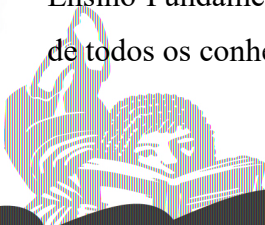
Além disso, faz-se necessário reconhecer o currículo como algo que configura a prática, porém não possui a certeza, até porque quem o efetiva é o profissional da educação:

Ao reconhecer o currículo como algo que configura uma prática, e é, por sua vez, configurado no processo de seu desenvolvimento, nos vemos obrigados a analisar os agentes ativos no processo. Este é o caso dos professores; o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca. (SACRISTÁN, 1998, p. 165)

Percebe-se que, além do que está previsto no documento que chamamos de currículo, ainda assim, quem o põe em prática é o professor, ou seja, ele não deve se pautar apenas no texto previsto, mas elaborar sua aula de acordo com as necessidades e os melhores métodos para cada turma, e para reiterar essa questão, Sacristán (1998, p. 282) afirma que “planejar a prática é algo mais amplo que atender aos objetivos e conteúdos do currículo, porque supõe preparar as condições de seu desenvolvimento, uma vez que também de atende a este”, como já foi mencionado, que a prática é desenvolvida pelo professor que pode e deve buscar a melhor maneira de explicar o assunto não se pautando apenas nos documentos curriculares.

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Após a discussão sobre o alinhamento entre os textos curriculares e a prática docente, faz-se necessária também a explanação do documento que, aprovado em 20 de dezembro de 2017 para o Ensino Fundamental, e em desenvolvimento para o Ensino Médio, serve de base para a unificação de todos os conhecimentos em território nacional, e foca na igualdade para todos:





VII ENLIJE

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BNCC, 2017, p. 7)

Esta é a definição trazida no início da BNCC, destacando-se “um documento de caráter normativo”, ou seja, que estabelece normas equivalentes a conteúdos que devem ser estudados de acordo com as séries, em todo território, além de “direitos de aprendizagem e desenvolvimento” que focam na igualdade para todos no âmbito dos conhecimentos.

Para a literatura, área desta pesquisa, uma breve crítica faz-se mediante a análise das versões deste documento, a 1ª e 2ª versão estabeleciam a literatura como eixo equivalente a todos os demais (produção textual, análise linguística, oralidade etc), porém, a partir da 3ª versão, a literatura passou a integrar o eixo de produção textual, mais uma vez, sendo desvalorizada.

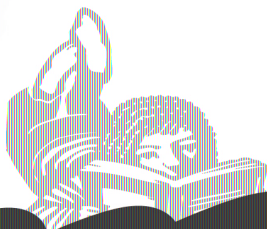
Dentro da BNCC, em espécie de pirâmide invertida, irei explicar a área de linguagens, o componente curricular Língua Portuguesa e o eixo Produção de Texto para entender onde localiza-se a crônica neste documento.

a) ÁREA DE LINGUAGENS

A área de linguagens, dentro da BNCC, para o Ensino Fundamental (Anos Finais), é composta pelos componentes curriculares Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa, e define-se como:

A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BNCC, 2017, p. 61)

Destaca-se desta finalidade o termo “práticas de linguagem” que, neste caso, é entendido como situações de uso da língua, ou seja, momentos de interação entre os seres, e é este o foco da área de linguagens, estabelecido na BNCC, formar alunos que, em situações de interação, sobretudo, as mais diversificadas, possam se comunicar e interagir da melhor forma, como pede o contexto de interação.





VII ENLIZE

b) COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA

O componente curricular Língua Portuguesa, em conjunto com a área ao qual faz parte, busca ampliar os letramentos para que assim, de acordo com o objetivo da área de linguagens, os alunos estejam capacitados criticamente para poderem participar de situações comunicativas e de interação diante das diversas práticas sociais existentes no âmbito da oralidade, escrita e outras formas de linguagem.

c) EIXO PRODUÇÃO DE TEXTOS

Até a segunda versão do documento em questão (BNCC), a literatura era tida como “eixo literário”, porém, a partir da terceira versão estabelecida no Governo Temer, a literatura passou a integrar o eixo produção de textos que:

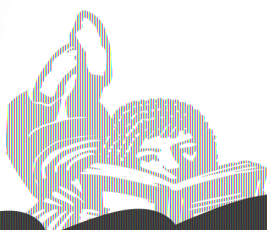
compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, construir um álbum de personagens famosas, de heróis/heroínas ou de vilões ou vilãs; produzir um almanaque que retrate as práticas culturais da comunidade; narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica; (BNCC, 2017, p. 74)

Através da definição trazida, é possível compreender que esse eixo tem por base a compreensão das diversas formas de uso da linguagem, sobretudo, em sua produção efetiva, para que essa prática reflita nas formas de interação com as formas diversas de produção de texto e habilitem o aluno para as várias finalidades comunicativas.

O GÊNERO CRÔNICA E SUAS FINALIDADES NA BNCC

A partir de um levantamento bibliográfico feito, aqui exponho dois exemplos de uso da crônica contidos na BNCC, estes usos são propostos às turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental:

Anexo 1: Definição do Campo Jornalístico/Midiático e a crônica contemplado (BNCC, 2017, p. 138 e 139)





VII ENLIZE

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO
<p>CAMPO JORNALÍSTICO/MIDIÁTICO - Trata-se, em relação a este Campo, de ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa.</p>	
HABILIDADES	
<p>Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental (notícia, álbum noticioso, carta de leitor, entrevista etc.): reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, dentre outros. A referência geral é que, em cada ano, contemplem-se gêneros que lidem com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermidiáticos, próprios da cultura digital e das culturas juvenis.</p>	

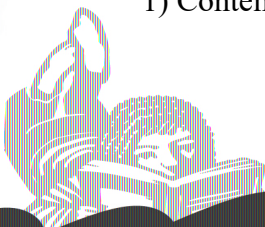
A partir do anexo 1, pode-se perceber no trecho destacado que a habilidade trabalhada será a contemplação de gêneros em atividades de leitura e produção, e a crônica é apresentada como possível de ser inserida nesta situação de aprendizagem.

Anexo 2: A relação entre textos como habilidade e uso da crônica nesta situação (BNCC, 2017, p. 156 e 157)

Produção de textos	Relação entre textos
<p>(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.</p>	

Assim como no anexo 1, o anexo 2 traz mais um exemplo do tratamento da crônica dentro da BNCC, que neste caso, ressalta a habilidade de adaptação do aluno para com diversos gêneros, entre eles a crônica como base para a elaboração de um texto teatral. Esses são apenas dois exemplos, porém a partir do levantamento feito, elencaram-se cinco proposições ou participações do gênero crônica dentro deste documento:

- 1) Contemplar-se em atividades de leitura e produção; (BNCC, 2017, p. 139)





VII ENLIJE

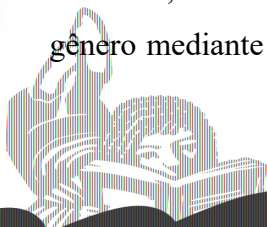
- 2) Base para elaboração de texto teatral; (BNCC, 2017, p. 157)
- 3) Leitura em voz alta; (BNCC, 2017, p. 159)
- 4) Leitura de forma autônoma para que se avalie o gênero lido e estabeleçam-se preferências por gêneros, temas, autores; (BNCC, 2017, p. 167)
- 5) Criação destas com elementos tradicionais da narrativa; (BNCC, 2017, p. 169)

A partir deste levantamento, é possível observar que não há o tratamento da crônica como um gênero literário, para que em sala, os alunos possam se deliciar em suas leituras, usar suas imaginações, enfim, fazer uma leitura estritamente literária... Há apenas a crônica aliada a alguma finalidade, ou seja, não há a leitura da crônica, mas sim, a utilização desta para desenvolver as mais diversas habilidades.

BREVE RELATO DE ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO

O curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande possui em seu currículo a disciplina Paradigmas de Ensino que tem por objetivo enviar os graduandos à sala de aula a partir de um estágio observatório, pela primeira vez enquanto futuros professores, para observar a dinâmica de sala e produzir um relato reflexivo. No decorrer de quatro tardes, tive a oportunidade de assistir aula em duas turmas, 7º ano "A" (7º A) e 8º ano "A" (8º A), no Espaço Educacional Carmela Veloso (EECV), localizado à rua R. Aprígio Veloso, 1359, Bodocongó, na cidade de Campina Grande/PB, que dispõe, em sua estrutura interna de 12 salas de aula, além de sala de vídeo, sala de leitura e biblioteca que disponibiliza livros para pesquisa, e atende às turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio, funcionando com uma turma de cada série pela manhã e tarde, somando o total aproximado de 720 alunos. Observei as aulas de redação da professora Dayane Monteiro Barbosa, recém-saída da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com três meses de atuação em sala.

Em meu primeiro encontro com a turma do 7º A em 22 de maio de 2018, o assunto era o gênero crônica; a professora Dayane iniciou a discussão buscando saber dos conhecimentos dos alunos sobre o gênero, em seguida, houve a leitura da crônica “Coisas e Pessoas” de Mário Quintana, localizada no livro didático, e logo após, houve o momento de esclarecimento, caso houvesse, das dúvidas quanto à compreensão da leitura; depois disso, a professora explicou o gênero mediante o que os alunos já haviam falado (vale salientar a discussão sobre as Crônicas de





VII ENLIJE

Nárnia); para finalizar a aula, Dayane aplicou uma atividade de interpretação textual com dez questões advindas do livro didático para sala, auxiliou os alunos nas respostas, e como atividade de casa, pediu que pesquisassem sobre os tipos de crônica trazendo a definição de cada um, e após a correção da atividade, a aula encerrou.

Já em meu segundo encontro com a turma do 7º A em 15 de junho de 2018, a professora pediu que todos produzissem uma crônica (em dupla) com o tema “a violência urbana”, com quinze linhas para entregar; antes de começarem a produzir, Dayane recapitulou que a crônica trata de situações cotidianas e sempre possui críticas, e assim os alunos produziram para compor a nota do 2º bimestre.

Ao tratar da turma do 8º A, sobretudo no encontro que tive com eles em 8 de junho de 2018, o tema era crônica argumentativa, que iniciou-se com a leitura de “Sinal Vermelho” trazida no livro didático, após isso, Dayane explicou o objetivo do gênero mediante as contribuições e entendimentos dos alunos, para já se adiantar e passar para casa a produção de um texto dissertativo-argumentativo que já havia sido trabalhado, e já iniciar o conteúdo palavras homônimas e parônimas.

ESTRATÉGIAS SOBRE O ENSINO DE GÊNEROS LITERÁRIOS

A partir do que foi analisado e discutido neste artigo, é possível observar que a maneira que a crônica é aplicada em sala ainda possui deficiência, e Cosson (2006) traz uma sequência de mecanismos para a introdução de um gênero literário em sala de aula de acordo com o desejo de um melhor letramento literário para o alunado, e a partir da temática deste artigo, observaremos estes mecanismos sobre o ensino da crônica:

1. **Motivação:** este mecanismo funciona desde quando o professor começa a preparar sua turma para receber e adentrar ao texto, já no primeiro encontro, o que pode ser enfrentado como um processo decisivo para o aluno já que estamos diante de um processo de escolarização da leitura literária de acordo com Martins (2006), que destaca Soares (1999:25) que estuda dois tipos de escolarização da leitura literária, a adequada “que conduz eficazmente às práticas de leitura presentes no contexto social”, e a inadequada, frequentemente ocorrida em sala de aula que “provoca a resistência e a aversão dos alunos aos livros, além de apresentar-se distante das práticas sociais de leitura”. Disto, deve-se entender que a motivação é peça fundamental, por ser inicial, do processo de escolarização





VII ENLIJE

da leitura literária, a partir do momento em que o professor prepara todos para receber o gênero, e não provocar a aversão destes para com o gênero;

2. Introdução: este mecanismo é feito a partir do momento em que o professor apresenta brevemente o autor e suas obras aos alunos, e busca um recebimento positivo deles; Cosson (2006) destaca que essa apresentação deve ser estritamente breve, os alunos podem se cansar diante de apresentações longas, o que, a partir da leitura que fizemos de Soares (1999:25) e Martins (2006), pode interromper também o processo de escolarização da leitura literária;

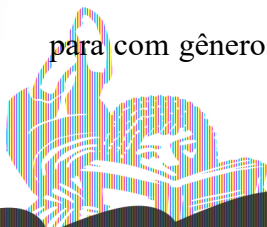
3. Leitura: o mecanismo de leitura é feito com o auxílio do professor, caso haja dificuldade; textos curtos, Cosson (2006) propõe que sejam lidos em sala, já textos longos devem ser lidos com calma em casa para que numa simples conversa, os resultados sejam apresentados pelo aluno; nesta situação, Cosson (2006) destaca a importância de não se estabelecer um momento formal de discussão, mas que essa discussão esteja implícita num simples momento de conversa, para que os alunos não se sintam pressionados a participar ou tímidos;

4. Interpretação (1 e 2): a interpretação 1 corresponde ao mecanismo da leitura de palavra por palavra até apreender toda a obra, sobretudo o que ela trata através de sua sensibilidade, e isso diz respeito também ao que Alves (2006) chama de limites da interpretação, que o profissional da literatura seja mais aberto às interpretações trazidas pelos alunos, que o professor possa encarar a obra e construir sentido aliando as impressões dos alunos, pois é imprescindível o diálogo; já a interpretação 2 corresponde à construção de sentido, a contextualização até que chegue-se à leitura aprofundada que pode focar em algum aspecto que lhe chamou a atenção.

CONCLUSÃO

O ensino de gêneros literários, e especificamente, do gênero crônica dentro da BNCC para Ensino Fundamental – Anos Finais, é utilizado para resolução de atividades, leitura, gramática e demais produções com o mesmo por base, porém, não é destaque nos currículos a forma de se trazer um texto do gênero, simplesmente, deve-se trabalhá-lo, e na maioria das vezes, sabe-se que há a utilização dele apenas como pretexto para ensino de gramática e produção textual.

Cabe ao professor observar a melhor forma de levá-lo aos seus alunos e assim formá-los com um letramento literário efetivo, e isso é o que traz Cosson (2006) e seus mecanismos de ensino para com gêneros literários, além de que, com o conhecimento sobre o gênero em questão, sabe-se





VII ENLIJE

que este trabalha com questões cotidianas, aspectos sociais e pessoais da vida que podem servir de base para, não só a resolução de questões, mas sim a formação cidadã dos mesmos.

Com base em Carvalho (2017), o ensino da literatura deve se tornar menos pragmático e que seja mais próximo das experiências vividas pelos leitores, ou seja, mais reflexivo, e que, através de metodologias de ensino que busquem o letramento literário, os alunos sejam capazes de entender a literatura como aquela que fala de suas dúvidas, sonhos, medos, fantasias, e não como uma disciplina que enfrenta apenas as características de estrutura textual e linguística dos movimentos literários.

AGRADECIMENTOS

De início, não poderia deixar de ser diferente, agradeço a Deus e à Virgem Maria por me auxiliarem desde o esboço deste trabalho e por nunca me deixarem desistir; também não poderia deixar de agradecer à minha família, pessoas especiais que sempre estão dispostas a me apoiarem, e sobretudo quando o assunto é a universidade; a todos os meus amigos que de alguma maneira se fizeram presente me estimulando e me dizendo que eu seria capaz de produzir este material, à banca de coordenadores do GT que submeti este trabalho, Prof. Dr. Kléber José Clemente e Profas. Dras. Maria Analice P. da Silva e Andrea Maria de A. Lacerda que com seus questionamentos e posições, fizeram-me repensar e desenvolver ainda mais este objeto de estudo, e ao meu orientador, professor José Edilson de Amorim que com suas contribuições, tornou esta pesquisa mais rica e ajudou-me a concretizá-la.

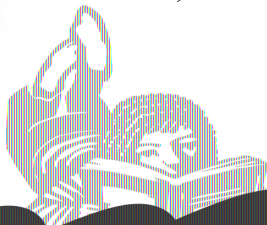
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SACRISTÁN, G. J. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**: 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIEIRA, H. F. S. C. **Letramento Literário – um caminho possível**. Dourados: Editora UFGD, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC, Versão Final**. Brasília, DF, 2017.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.





VII ENLIJE

CARVALHO, A. S. Literatura em sala: discutindo conceitos, repensando saberes, elaborando propostas. In: ARAÚJO, D. L. **Língua e literatura no Ensino Médio: propostas**. Campina Grande: EDUFPG, 2017. p. 29-57.

ALVES, J. H. P. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: ALVES, J. H. P.; NÓBREGA, M. M. S. S. **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006. p. 111-126.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

